

| | | | |
|------------|---|---------|------------------|
| Título | Uma liberdade ordenada | Autor | Michiko Kono |
| Data | 2012 | Artista | Beatriz Milhazes |
| Publicação | Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012. | | |

Uma liberdade ordenada

Michiko Kono

Beatriz Milhazes é uma artista que adora a natureza. Ela alimenta-se da natureza – no seu trabalho, nos seus passeios à beira-mar, no espaço que encontra para respirar livremente. A localização do seu estúdio, a apenas alguns metros do jardim botânico do Rio de Janeiro, não é coincidência. Uma das janelas do estúdio serve de moldura à imagem do Cristo Redentor, que se eleva sobre o Parque Nacional da Tijuca – um pedaço de selva tropical no centro do Rio – no pico do monte do Corcovado. Esta proximidade íntima com a natureza, distinguindo a paisagem urbana através da sua omnipresença, não implica que Beatriz Milhazes crie representações realistas de flores e plantas nos seus quadros. O que a levou inicialmente aos motivos florais foram as artes decorativas e a pop art. Só mais tarde é que a artista começou a examinar mais minuciosamente a vida das plantas. O facto de as suas pinturas se terem tornado mais abstratas a partir desse momento surpreende até a própria artista.

Quatro quadros monumentais que exploram tematicamente as estações do ano (pp. 14-27) constituem o ênfase das exposições que a Fundação Beyeler, no inverno de 2011, e a Fundação Calouste Gulbenkian na primavera de 2012, dedicam a Beatriz Milhazes. Esta é a primeira vez que a artista trabalha com formatos de grandes dimensões, o que ajuda a explicar porque foram realizados antecipadamente estudos pormenorizados (pp. 32-33), algo que não é habitual em Milhazes. De início, a artista considerava que cada um dos quadros era autónomo e podia existir por si só, mas rapidamente se apercebeu de que se tinha desenvolvido uma forte ligação entre os quatro, pelo facto de terem sido pintados em paralelo; em conjunto, formam uma unidade, desempenhando *Winter* (p. 27) um papel marginal. Enquanto as outras estações do ano se caracterizam por grandes motivos florais e cores exuberantes, *Winter* dá corpo não a uma forma de flor familiar, mas a uma forma abstrata e quase corpórea sobreposta a linhas verticais simétricas. A altura dos quatro quadros é a mesma; a única diferença entre eles é a largura, que em cada um dos quadros corresponde proporcionalmente à duração da respetiva estação do ano no Rio de Janeiro: *Summer* (pp. 18-

| | | | |
|------------|---|---------|------------------|
| Título | Uma liberdade ordenada | Autor | Michiko Kono |
| Data | 2012 | Artista | Beatriz Milhazes |
| Publicação | Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012. | | |

19) e *Spring* (pp. 22-23) são os maiores, ao passo que *Winter* representa a estação mais pequena. A artista descreve o inverno no Rio de Janeiro como uma estação única, sem nada em comum com o frio, a humidade e a escuridão que caracterizam a maior parte das regiões europeias. O inverno é uma fase curta durante a qual os brasileiros se comportam de maneira diferente da habitual, por exemplo, renunciando a um mergulho no oceano, muito embora as temperaturas o permitissem.

Beatriz Milhazes extrai os motivos fundamentais da sua obra a partir da história e cultura da sua pátria, bem como da história da arte ocidental. As suas fontes de inspiração são os movimentos tropicalista e modernista brasileiros (especialmente o seu expoente máximo, a artista Tarsila do Amaral), em que elementos do folclore se fundem com influências das Américas e da Europa, e também Henri Matisse, Piet Mondrian, Sonia Delaunay-Terk e Bridget Riley. A artista desenvolveu um vocabulário artístico que alude a motivos do Barroco brasileiro, a paisagens e ao folclore brasileiros, à estética *flower-power* da década de 1970 e até a motivos do movimento op art. Neste contexto, embora a intensa cromaticidade evidente nas suas obras constitua um predicado da cultura tradicional brasileira, a mesma é incaracterística da arte do Brasil em que a artista assume o papel de lobo solitário.

Típicas das obras de Beatriz Milhazes são as composições animadas com ornamentos abstratos, arabescos, motivos florais, formas geométricas e padrões rítmicos numa forte e brilhante explosão de cores. A felicidade que estas transpiram é frequentemente referida. Contudo, o que é igualmente flagrante nos quadros cativantes da artista é a forma como a opulência que os domina não permite ao olhar descansar nem por um momento e como a mesma é capaz de avassalar completamente o espetador através do seu excesso vertiginoso de formas e cores, podendo chegar quase a despoletar uma ansiedade claustrofóbica. Beatriz Milhazes cobre a tela inteira de tinta, não deixando nenhum espaço em branco, fazendo com que cada quadro pareça expandir-se para além

| | | | |
|------------|---|---------|------------------|
| Título | Uma liberdade ordenada | Autor | Michiko Kono |
| Data | 2012 | Artista | Beatriz Milhazes |
| Publicação | Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012. | | |

das suas próprias margens. Os elementos composicionais individuais constituem superfícies uniformes de cor com contornos precisos que, por vezes, se sobrepõem e originam contrastes violentos devido à sua intensa riqueza cromática. Desse modo, o que a artista se propõe criar nos seus quadros são «conflitos saudáveis» que nunca se resolvem completamente: «Devem ser conflitos saudáveis. Não se trata de conflitos que têm como objetivo fazer vencedores ou vencidos. Trata-se de conflitos saudáveis em que ninguém perde nem ganha.»¹ Henri Matisse também conferiu ao confronto de cores um significado especial² e, até nos casos em que os contrastes cromáticos se destinavam a ser fortemente pronunciados, o que este almejava era um equilíbrio de cores, tal como acontece atualmente com Beatriz Milhazes³. Mesmo assim, a vida de Matisse foi sempre acompanhada de um desejo de harmonia que ele tentou satisfazer através de combinações de cores e de uma simplificação do desenho⁴. Beatriz, por seu lado, recusa procurar a harmonia nas suas obras: «Eu quero obter movimentos óticos, coisas perturbadoras; visões que, ao tê-las, os olhos ficam perturbados.»⁵ As teorias de Matisse tiveram influência na artista⁶. À semelhança dos *papiers découpés* de Matisse, as colagens de Beatriz Milhazes (pp. 57-65) devem ser consideradas como desenhos coloridos: em vez de desenhar contornos e preenchê-los com tinta, a artista usa recortes de papel – colorido, monocromático, com padrões – ou até invólucros de rebuçados e chocolates, que muitas vezes conferem os títulos às colagens.

A invulgar técnica de pintura desenvolvida por Beatriz Milhazes também é inspirada por técnicas de colagem. A artista pinta folhas de plástico transparente e, depois de a tinta secar, cola o lado pintado das folhas à tela. Quando as folhas são retiradas, é habitual ficarem fragmentos de tinta partida aderentes às folhas enquanto a aplicação de tinta propriamente dita permanece na tela sob a forma de uma camada lisa. As folhas, que são reutilizadas vezes sem conta durante um período de até dez anos, contêm, assim, vestígios de tinta que podem reaparecer na mesma obra ou em obras posteriores. Estas irregularidades conferem aos quadros – que, de vez em quando, quase parecem

| | | | |
|------------|---|---------|------------------|
| Título | Uma liberdade ordenada | Autor | Michiko Kono |
| Data | 2012 | Artista | Beatriz Milhazes |
| Publicação | Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012. | | |

pintados mecanicamente – um sopro de vitalidade, uma vez que aparecem inesperadamente em cima de superfícies lisas e monocromáticas.

Nas suas pinturas e em muitas das suas colagens, Beatriz Milhazes cria composições complexas nas quais, embora os motivos respeitem determinados princípios de simetria, acabam por levar a uma assimetria deliberada. A sua técnica permite definir e reorganizar livremente a posição dos elementos individuais na tela antes de estes serem definitivamente colados. Esta abordagem também faz lembrar Matisse: os recortes de papel coloridos, com os quais trabalhou na sua série de *papier découpé*, eram temporariamente fixados ao fundo com pioneses, o que permitia colocá-los em diversas posições e, assim, alterar a composição geral diversas vezes.⁷

Além de Matisse, Beatriz Milhazes faz alusão à artista Tarsila do Amaral que, juntamente com José Oswald de Souza Andrade, lançou os alicerces do modernismo brasileiro. Este movimento cultural que, na maioria dos casos, teve a sua época áurea entre as décadas de 1920 e 1940, opunha-se à dependência do Brasil em relação à Europa, um estado de existência resultante da colonização. Em vez disso, os defensores deste movimento propunham a integração de certos aspetos da cultura europeia na cultura brasileira, a qual seria como que devorada, à semelhança com o canibalismo da tribo indígena Tupí, como é sugerido pelo título do manifesto que Souza Andrade publicou em 1928: *Manifesto antropófago*. Numa das obras expostas na Fundação Beyeler e na Fundação Gulbenkian, *Gamboa seasons* (pp. 9-12), é possível identificar a influência das tradições brasileiras e as associações à cultura popular do país. *Gamboa seasons* é um móbil executado originalmente pela artista em 2007 para a cenografia da Marcia Milhazes Companhia de Dança e cujo âmbito foi alargado pela escola de samba Imperatriz Leopoldinense no Rio de Janeiro. Os materiais do móbil refletem elementos ornamentais simples, tal como os que são utilizados para decorar os carros alegóricos usados nos cortejos carnavalescos. A artista valoriza muito a tradição do Carnaval e, embora não participe ativamente no mesmo e se considere uma mera «carnavalesca conceptual»⁸,

| | | | |
|------------|---|---------|------------------|
| Título | Uma liberdade ordenada | Autor | Michiko Kono |
| Data | 2012 | Artista | Beatriz Milhazes |
| Publicação | Beatriz Milhazes. Ostfildern: Hatje Cantz; Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Basel: Beyeler Museum, 2012. | | |

Beatriz considera que a energia, o ritmo e a intensidade selvagem tão típicas desta festa são, ao mesmo tempo, fascinantes e inspiradores.

O Brasil caracteriza-se por um elevado nível de otimismo como resultado do enorme crescimento económico conseguido nos últimos anos e do papel preponderante que o país desempenha na América Latina. Resta-nos esperar que as desigualdades extremas que persistem nesta sociedade díspar e multiétnica se atenuem de modo a alcançar a verdadeira liberdade social. Beatriz Milhazes valoriza a infinita liberdade que lhe permite, na sua arte, referenciar uma série de fontes diferentes, desde a história da arte europeia e norte-americana até à arte e cultura brasileiras. «Descobri recentemente que “liberdade” é uma palavra que descreve bem o meu trabalho. Penso que o que caracteriza a minha obra é a liberdade com que diferentes conceitos, imagens, cores, abstração e figuração são combinados, tudo em quadros bastante geométricos e racionais. A minha forma de trabalhar faz uso de uma liberdade ordenada.»⁹

- 1 «Interview with Beatriz Milhazes», *RES Art World / World Art*, 2, maio de 2008, p. 13.
- 2 Vide Henri Matisse, «Rôle et modalités de la couleur», *Problèmes de la peinture*, Lyon, 1945, citado em Henri Matisse, *Écrits et propos sur l'art*, 1972; reimpr., Paris, Hermann, 1992, p. 199.
- 3 Vide Henri Matisse, «Notes d'un peintre», *La Grande Revue*, 52, dezembro de 1908, citado em Matisse Henri Matisse, *Écrits et propos sur l'art*, pp. 46-47.
- 4 Vide Henri Matisse, *Écrits et propos sur l'art*, p. 50.
- 5 «Interview with Beatriz Milhazes» *RES Art World / World Art*, p. 8.
- 6 «I had Matisse as my first and permanent reference», *Ibidem*, p. 7.
- 7 A Fundação Beyeler está a desenvolver um projeto de investigação entre 2009 e 2012 com o objetivo de descobrir como é que *Acanthes*, o *papier découpé* de Matisse, pode ser conservado a longo prazo. Numa análise microscópica dos recortes de papel e do papel de fundo, foram descobertos inúmeros orifícios deixados por pioneses.
- 8 A expressão brasileira «carnavalesco/carnavalesca» é usada para descrever um aficionado do Carnaval. «Thinking differently: Beatriz Milhazes in conversation with Jonathan Watkins», *Beatriz Milhazes: mares do Sul*, ed. Frances Reynolds Marinho, cat. exp., Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 2002, p.##.
- 9 «Interview with Beatriz Milhazes by Leanne Sacramone», in *Beatriz Milhazes*, cat. exp., Paris, Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2009, p. 14.